

ARTIGO

A PRODUÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA E O MERCADO CAPITALISTA

*Ana Luísa Xavier Barros**

RESUMO: O texto aborda a sexualidade feminina como produto cultural e seu processo de produção na e pela sociedade Industrial capitalista. Destaca os interesses e as vantagens obtidas pelo capital com o alijamento da mão de obra feminina e com sua exploração como força de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade feminina; mercado de trabalho; desigualdade; exploração.

INTRODUÇÃO

Existem idéias, valores, práticas e comportamentos que, por fazerem parte do cotidiano de várias gerações, são incorporados e tidos como comuns e imutáveis. Transmitidos de geração em geração, reforçados pela ciência e pela religião, são de tal forma incorporados na cultura e nas relações sociais que escapam ao olhar crítico, ao questionamento e à reflexão. São confundidos com a consciência quando na verdade são inconscientes. São tidos como a representação da razão quando na verdade são totalmente irracionais.

Mas, em determinados momentos e circunstâncias históricas, eles são sacudidos e sofrem um verdadeiro processo de depuração e de desconstrução. Agonizam, dando lugar a novas idéias, valores e práticas. Este processo de desconstrução não é natural nem ocorre por acaso; é fruto das contradições que configura ou resulta dessas mesmas idéias, valores e práticas sociais.

* Graduada em Serviço Social e Mestre em Desenvolvimento Social pela UCPEL.

Há uma teia envolvendo cada fato, cada idéia e cada valor responsável por determinadas práticas e comportamentos sociais. Há, certamente, uma teia que também envolve nosso olhar curioso ou mesmo científico que não nos possibilita visualizar a dimensão total do objeto que estudamos.

Neste artigo proponho uma nova forma de olhar para a sexualidade e em particular para a sexualidade feminina enquanto construção e produto social. Sexualidade que, nas sociedades capitalistas apresenta-se como um importante mecanismo favorável à exploração da força de trabalho que encobre as contradições de classe.

Para Marx (1998:384), “o motivo que impele e o objetivo que determina o processo de produção capitalista é a maior expansão possível do próprio capital, isto é, a maior produção possível de mais valia, portanto, a maior exploração possível da força de trabalho”.

A produção para o consumo visando o lucro é a mola propulsora das sociedades industriais capitalistas. Nelas tudo é produzido visando o lucro. Nelas o ser humano é também produzido. Nelas idéias, valores, comportamentos e relações são produzidos. Nelas a sexualidade é produzida. Como sistemas sociais as sociedades industriais capitalistas impõem a seus membros um tipo especial de aprendizagem, entendido como processo de socialização, que resulta na introjeção de valores, padrões culturais e comportamentos necessários ao desempenho dos papéis a eles atribuídos.

Há um investimento, uma linha e mecanismos de produção que visam um produto final determinado e precisamente esperado.

Simone de Beauvoir em sua obra *O Segundo Sexo* afirma que não nascemos homens ou mulheres mas nos tornamos homens ou mulheres. Desde então suas ideias vem provocando uma desconstrução ou, como dizemos hoje, uma desconfiguração do dado, do tido como natural, de um dos nós estabilizadores e mantenedores do status quo.

As mulheres protagonizam um movimento – para muitos uma revolução cultural e social- que vem de forma gradativa alterando as relações sociais, a organização familiar, a visão e as expectativas que têm de si próprias, dos homens e da organização social.

Este movimento se expande, avança sobre fronteiras aparentemente intransponíveis, forma redes, ecoa no íntimo de cada ser individual, em cada região e em cada sociedade. Ultrapassa as barreiras de classe, de

cultura, de raça, de religião e de sexo. Provoca o desmonte da linha de produção, desmantela os objetivos e define um novo produto.

Desenha-se uma nova sexualidade feminina a partir do desnudamento dos mecanismos utilizados para construir a sexualidade feminina adequada aos interesses do sistema industrial capitalista. Ameaça sua manutenção e equilíbrio? Certamente não será a única causa, mas como um dos nós que a mantém, ao desfazer-se provoca o desajustamento dos demais.

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA SEXUALIDADE

A sexualidade produzida não teve a mulher como seu único alvo, mas certamente foi um dos seus alvos prediletos.

A produção industrial capitalista alicerça-se nas desigualdades de classe geradas pela desigualdade na distribuição da riqueza produzida. Por enganosamente prometer o céu na terra e apresentar-se como o reino da liberdade, da igualdade e da fraternidade, produziu mecanismos que disfarçassem suas contradições. Dividiu os seres humanos em classes, dividiu-os segundo suas características físicas de cor e de sexo e lhes atribuiu valores e funções segundo estas características. Desta divisão obteve lucro explorando economicamente sua força física e obteve o domínio e o controle político e ideológico explorando sua mente. Na verdade criou mecanismos que fortaleceram a exploração do homem pelo capital.

Diz Safiotti (1979:29) que “fatores de ordem natural, tais como sexo e etnia, operam como válvula de escape no sentido de um alívio simulado de tensões sociais geradas pelo modo capitalista de produção, no sentido ainda, de desviar da estrutura de classes a atenção dos membros da sociedade, centrando-a nas características físicas que, involuntariamente, certas categorias sociais possuem”.

Os problemas decorrentes da desigualdade de classes são negados e disfarçados pela atribuição destes à mulheres, aos idosos, às crianças, aos operários, etc.. Assim foi criada a chamada problemática da mulher, um conjunto de discursos definindo-a pela fragilidade física, pelos perigos de seu corpo, pela morbidade de sua mente. Como diz Foucault (1997:95), é inventada uma mecânica de poder, uma economia política

e um “regime de verdade” visando o controle social.

Por regime de verdade entende-se o conjunto de discursos que a sociedade acolhe e faz funcionar como verdadeiros. As instituições de ensino e de informação cumprem a função política e ideológica de criar, divulgar e reproduzir estas verdades que, por sua vez, dão condições à formação e desenvolvimento do modo de produção capitalista. A estes discursos que configuram o regime de Verdade, Foucault denomina Saberes. Diz ele que o saber é político e tem sua gênese em relações de poder.(1997:95)

Foucault fala que nos séculos XVII e XVIII é inventada uma nova “mecânica de poder” que se apoia no corpo e nos seus atos: esta mecânica se exerce através da vigilância, ou seja, de um sistema de coerções que permite extrair tempo e trabalho ao mesmo tempo em que controla e integra as pessoas ao desenvolvimento industrial. A urbanização, a necessidade de organização espacial, o crescimento demográfico e as questões de higiene, saneamento e saúde pública deram origem a novas formas de controle da população, através do controle de seu corpo. Assim, a regulação da natalidade e a dos casamentos deixam de ser problemas individuais ou familiares e passam à ordem dos problemas políticos. Inicia-se o processo de produção social, político e econômico da sexualidade, tornando-se a conduta sexual da população objeto de análises e intervenções prescritivas e controladoras.

Todo um conjunto de saberes e discursos envolvendo o sexo passa a ter status de verdade e de racionalidade.

Foucault identifica quatro conjuntos estratégicos sobre os quais se desenvolveram os mecanismos de saber e poder sobre o sexo: a histerização da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso (1997:99).

Para o autor a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano e o adulto perverso passam a ser alvos estratégicos da produção da sexualidade.

Surge um conjunto de regras que determinam o permitido e o proibido e que levam como diz Foucault, “todo o corpo social e cada um de seus membros a porem-se de vigilância” (1997:110).

A medicina cria um ramo de estudos e intervenção sobre o sexo. A responsabilidade biológica para com a espécie, a hereditariedade e a fecundidade somam-se aos problemas da vida e da doença, dando origem

à preocupação médica com o corpo da mulher.

Estreitando o vínculo mulher e seu sexo os estudos médicos se voltaram para a “fragilidade” e para a capacidade de induzir às doenças do corpo feminino. O corpo da mulher foi então patologizado e feito objeto de ações capazes de controlá-lo e regulá-lo. Seus órgãos reprodutores são então vigiados e controlados para garantir a vida com saúde e nascimentos de indivíduos saudáveis. Sua trajetória reprodutiva é orientada visando o controle da natalidade e dos problemas hereditários. A puericultura ensina e prescreve os cuidados para com os imaturos, negando a importância dos conhecimentos até então acumulados pelas mulheres.

Qualificado e desqualificado como “saturado de sexualidade”, o corpo da mulher é alvo de discursos e saberes.

Ao atribuir à anatomia feminina a responsabilidade pelos seus traços psicológicos, a teoria freudiana justifica a desvalorização e a susceptibilidade das mulheres às neuroses pelo denominado “complexo de castração” ou seja, a ausência do pênis sentida como mutilação seria a causa das frustrações, da auto-desvalorização e da conseqüente passividade e da falta de aspiração à perfeição. Esta teoria que teve um caráter revolucionário, foi, como diz Saffioti (1979:291), “grandemente responsável pela implantação de uma nova perspectiva de abordagem das questões sexuais, chegando mesmo a ter sérias repercussões sobre a moral social, contribuiu para manter a mulher envolta em mitos cuja vigência limitou largamente a mudança dos papéis sexuais femininos”.

Fala Foucault (1997:137) que “o sexo é acesso à vida do corpo e à vida da espécie”, sendo importante foco de disputa política.

O discurso sobre o perigo do aumento populacional, somado aos riscos de escassez de alimentos, alia medicina e economia em prol dos programas de controle da natalidade. Distanciados de qualquer ação educativa, em sociedades como as nossas, eles são mais uma forma de controle e culpabilização que atribuem à pobreza as altas taxas de natalidade e a ameaça ao equilíbrio da vida em sociedade.

Estas práticas levam ao que Foucault (1997:29) chama de “economia política da população”, ou seja, as condutas sexuais e suas determinações e efeitos são objeto de análises e de disputa política e econômica.

A Escola, a creche, o hospital, o ambulatório e outras tantas instalações e organizações são montadas para fiscalizar e regulamentar

a socialização dos seres sociais. As corporações de profissionais detentoras de um saber científico e especializado, assumem o papel de prescrever, vigiar e controlar o comportamento dos indivíduos e de criar códigos de normalização segundo o sexo e a idade.

Este saber é veiculado através de discursos e repassado como verdade. Como resultado garante o adestramento do corpo que produz e consome aumentando sua capacidade física e diminuindo sua força política. Torna-o dócil e disciplinado para melhor ser explorado pelo capital.

Por um lado, administrar o funcionamento do espaço doméstico ocupado pela mulher, regular sua fecundidade, regulamentar suas funções de socialização e de cuidado dos imaturos, e por outro lado, atribuir ao homem a função de provedor e chefe de sua família são formas de produzir e garantir a sexualidade de homens e de mulheres adequados à sua exploração como força de trabalho. A atribuição de papéis diferenciados conforme o sexo funciona como mecanismo de controle e manutenção do equilíbrio das relações capitalistas.

A MULHER E O MERCADO DE TRABALHO

O confinamento no ambiente doméstico de uma mão de obra que o sistema produtivo não tem sido capaz de absorver é uma forma de alijar grande contingente de seres humanos da estrutura ocupacional. Este alijamento é disfarçado pelo discurso das limitações das condições naturais das mulheres e dos papéis a elas designados no âmbito doméstico. Desta forma, nas sociedades capitalistas desenvolveram-se uma série de idéias e representações que atuam de forma determinante na inserção da mão de obra feminina no mercado produtivo.

A falta de condições naturais das mulheres aparece como impedimento ou limitação de sua absorção no mercado. O desemprego feminino é socialmente aceito (desde que elas estejam cuidando de suas tarefas domésticas) e as contradições da sociedade de classes são justificadas e escamoteadas. Como diz Saffioti (1979:367), "a determinação sexo opera como filtro anterior e concomitante ao processo de competição, objetivando restringir o número de pessoas em condições de, legitimamente, dele participar".

Se considerarmos como muito bem refere Marx (1998:451), que a maquinaria “tornando supérflua a força muscular permite o emprego de trabalhadores sem força muscular”, podemos imaginar que a mão de obra feminina terá, por parte do capital, o mesmo aproveitamento que a mão de obra masculina.

Na verdade foram curtas as fases em que, nas sociedades capitalistas, a mão de obra feminina teve elevado nível de emprego, e nestas ocasiões, tem sido mais um recurso do capitalismo na tentativa de resgatar seu padrão de equilíbrio do que uma real inserção da mulher no sistema produtivo.

O recurso ao emprego da força de trabalho feminina mostra-se vantajoso sobretudo em períodos onde se faz necessário baixar os custos da produção e elevar o ritmo de crescimento econômico, não sendo, o trabalho feminino incorporado ao mercado de modo nem uniforme nem permanente. À disposição das conveniências e das necessidades do sistema produtivo, esta força de trabalho sofre as flutuações econômicas.

Seu ingresso no mercado se dá sob o signo da inferioridade, ocupando os cargos de menor prestígio e percebendo os salários mais baixos. Como diz Simone de Beauvoir (1980:144), “é no plano econômico e não no plano sexual que a mulher sofre opressão”. É portanto no plano econômico que a produção da sexualidade resultou vantajosa tendo funções tanto integrativas como impeditivas de mudanças.

Lamentavelmente, como diz Saffioti (1979:370), “a própria sociedade acaba por elaborar e reelaborar de tal sorte os caracteres de ordem natural que ela própria seria incapaz de discernir onde terminam as razões que a natureza do organismo impõe a permanência no lar e onde têm início os fundamentos sociais de alijamento de grandes contingentes femininos da estrutura de classes”.

Assim como a força muscular se tornou supérflua para a maquinaria, hoje a sexualidade deixa de ser útil ao discurso da sociedade tecnológica globalizada. Investe-se em novos discursos, cria-se um novo “Regime de Verdades”, renovam-se saberes e poderes. Certamente outros mecanismos de regulação, competição e escamoteação das desigualdades de classe estão sendo engendrados.

A globalização econômica e as políticas neoliberais inserem uma nova ordem social apoiada no discurso da qualificação e da competitividade. O capitalismo globalizado não mais utiliza os fatores de

ordem natural, como as diferenças entre os sexos, para excluir grandes contingentes do mercado de trabalho. Utiliza seus mecanismos, sobretudo a mídia, para mostrar que, independente do sexo, aqueles que se qualificam, que são competitivos, criativos e auto-confiantes encontram lugar no mercado de trabalho.

Mais uma vez, assistimos discursos que visam ocultar as contradições de classes e favorecer a exploração da força de trabalho.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo: Fatos e Mitos*. 10. ed. Rio de Janeiro, 1980.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política: O processo de produção do capital*. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.